



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

**UMA INTERVENÇÃO JUNTO AO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE MULHERES
DA CIDADE DE DOM CAVATI POR MEIO DE TÉCNICAS DO ARCO-ÍRIS DO
DESEJO: O ENCONTRO DO PROFESSOR DE TEATRO E DO PSICÓLOGO NA
FUNÇÃO DO *CURINGA***

DEIVERSON JÉSUS ABREU TÓFANO

IPATINGA - MG
NOVEMBRO / 2014

Universidade de Brasília
Universidade Aberta do Brasil
Licenciatura em Teatro

**UMA INTERVENÇÃO JUNTO AO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE MULHERES
DA CIDADE DE DOM CAVATI POR MEIO DE TÉCNICAS DO ARCO-ÍRIS DO
DESEJO: O ENCONTRO DO PROFESSOR DE TEATRO E DO PSICÓLOGO NA
FUNÇÃO DO *CURINGA***

Deiverson Jésus Abreu Tófano

Trabalho de conclusão do Curso de Teatro, com
habilitação em Licenciatura, no Departamento de Artes
Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: **Prof.^a Dra. Sulian Vieira**

IPATINGA - MG
NOVEMBRO / 2014

DEIVERSON JESUS ABREU TÓFANO

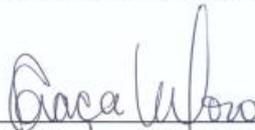
**UMA INTERVENÇÃO JUNTO AO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE MULHERES
DA CIDADE DE DOM CAVATI POR MEIO DE TÉCNICAS DO ARCO-ÍRIS DO
DESEJO. O ENCONTRO DO PROFESSOR DE TEATRO E DO PSICÓLOGO NA
FUNÇÃO DO *CURINGA***

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a NS sob a orientação do (a) professor (a) Doutora Sulian Vieira Pacheco.

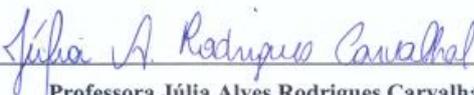
Ipatinga-MG, 21 de novembro de 2014.



Professora Doutora Sulian Vieira Pacheco



Professor Doutor Jorge das Graças Veloso



Professora Júlia Alves Rodrigues Carvalhal

A Deus, pela minha vida e saúde.

A meus pais, por mostrarem os caminhos.

A meus irmãos, por não me deixarem ser só.

A minha amada Michele, por proporcionar luz e futuro.

A meus filhos, que ainda estarão por vir.

Ao Gessé Rosa, pela amizade e parceria gerada nas Artes.

Ao Núcleo de Dança-Dor, por propor e injetar-me Arte.

A meus professores e colegas do curso, pelas trocas.

Ao Projeto de Extensão Caravanas Cênicas, pelas oportunidades e encantamentos.

A meus colegas de teatro e dança da cidade de Ipatinga e de Minas Gerais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha saúde e capacidade permitidas para que eu possa me aprimorar e desenvolver na construção de uma vida digna e valorizada. Parabenizo à equipe da Universidade Aberta do Brasil e da Universidade de Brasília, especialmente o Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes desta Universidade, e a todos os docentes e tutores com os quais qual tive a oportunidade de aprender e descobrir o Teatro acadêmico. Gostaria de expressar a minha imensa gratidão pelos três anos de participação no projeto de extensão do Caravanas Cênicas, e demonstrar novas perspectivas de atuação profissional em Artes quanto à mediação de Espetáculo. Muito obrigado à Giselle Rodrigues, à Fabiana Marroni e ao Glauber Coradesqui, além de todos os anjos (participantes) que passaram pela equipe do Caravanas. Gostaria de demonstrar também o meu carinho pelas mulheres do grupo de convivência do Programa NASF da cidade de Dom Cavati-MG, que possibilitaram a oportunidade de realizar essa experiência no papel do *curinga*. E, por fim, agradeço a toda minha família, parentes, pais, irmãos, à minha amada Michele: sem vocês, nada disso teria sentido. Obrigado por me proporcionarem esta vida.

RESUMO

Esta monografia tem o propósito de trazer uma reflexão sobre o cruzamento de saberes entre Psicologia e Teatro pela vertente do método de teatro e terapia de Augusto Boal, chamado de Arco-Íris do Desejo dentro do Teatro do Oprimido. Este trabalho teve como fundamentação teórica as contribuições de vários autores, dentre os mais citados encontra-se o próprio Boal. Para tanto, foram realizadas três experiências junto ao Grupo de Convivência de Mulheres do Programa NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família) da Cidade de Dom Cavati - MG, por meio de jogos e exercícios do Arco-Íris do Desejo. Percebeu-se que tais investigações geraram reflexões sobre as relações sociais de opressão nas mulheres participantes, como também a capacidade de trabalhar conflitos pessoais a partir do contato com jogos de Teatro. Portanto, o foco da pesquisa está no papel do *curinga*, mostrando a aplicação do Arco-Íris do Desejo e sua consolidação nas ações do Grupo de Convivência de Mulheres do Programa NASF. Além disso, também objetiva perceber o cruzamento de saberes entre Psicologia e Teatro, e a relação entre o professor de artes cênicas e o psicólogo.

Palavras-chave: Arco-Íris do Desejo, Teatro, Psicologia, Curinga, Grupo de Convivência de Mulheres.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1 (<i>Grupo de Convivência de mulheres do Programa NASF</i>).....	31
Figura 2 (<i>Grupo de Convivência de mulheres do Programa NASF</i>).....	31
Figura 3 (<i>Grupo de Convivência de mulheres do Programa NASF</i>).....	31
Figura 4 (<i>Exercício do Arco-Íris do Desejo - A imagem da Hora</i>)	33
Figura 5 (<i>Exercício do Arco-Íris do Desejo - A imagem da Hora</i>)	33
Figura 6 (<i>Exercício do Arco-Íris do Desejo - A imagem da Hora</i>)	33
Figura 7 (<i>Exercício do Arco-Íris do Desejo - A imagem do Grupo</i>)	36
Figura 8 (<i>Exercício do Arco-Íris do Desejo - A imagem do Grupo</i>)	36
Figura 9 (<i>Exercício do Arco-Íris do Desejo - A imagem do Grupo</i>)	36

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	03
AGRADECIMENTOS.....	04
RESUMO.....	05
LISTA DE FIGURAS.....	06
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I - UM PERCURSO DA PSICOLOGIA AO TEATRO: O CURINGA NO MÉTODO DE TEATRO TERAPIA "O ARCO-ÍRIS DO DESEJO"	13
1.1 - Memorial: vivência e formação da Psicologia ao Teatro.....	13
1.2 - O método de Teatro Terapia – O Arco-Íris do Desejo: o curinga como intervalo entre o psicólogo e o professor de teatro.....	18
1.3 - O Grupo de Convivência do Programa Núcleo de Apoio à Saúde da Família da cidade de Dom Cavati, Minas Gerais.....	25
CAPÍTULO II – UM INTERVALO NA ROTINA DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE MULHERES DA CIDADE DE DOM CAVATI PARA O EXERCÍCIO DE ALGUMAS TÉCNICAS DO ARCO-ÍRIS DO DESEJO: O JOGO ENTRE CURINGA E PARTICIPANTES	27
2.1 - Preparação para a experiência: as escolhas, expectativas e precauções.....	27
2.2 - A intervenção e os resultados: desempenho dos participantes e do <i>curinga</i>.....	29
2.2.1 - A imagem das imagens (01 de outubro de 2014).....	30
2.2.2 - A imagem das horas (08 de outubro de 2014).....	32
2.2.3 - A imagem do Grupo (15 de outubro de 2014).....	35
2.3 - Avaliação e Experiência.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

O fazer teatral pode promover práticas interessantes, individual ou coletivamente, na condução de intervenções com pessoas, e, nessa perspectiva, demais áreas do conhecimento, como a psicologia, podem se aliar. Como profissional da psicologia, estar atuando com teatro, amplia as minhas possibilidades de construções criativas e produtivas para os trabalhos de diversos grupos sociais. Assim, pretendo, a partir do "ser psicólogo", alcançar um posicionamento crítico da potencialidade da aplicação de alguns jogos e exercícios teatrais extraídas do Arco-Íris do Desejo, método esse criado pelo fundador do Teatro do Oprimido Augusto Boal.

Durante a graduação em Psicologia, nos encontros artísticos, enquanto participava de espetáculos e oficinas de formação/capacitação, a prática teatral apresentou-se a mim como uma ferramenta poderosa e atuante nas relações humanas. Considerando-me um psicólogo em atividade individual e em grupo terapêutico, emprego as técnicas dentro do teatro como as que foram criadas pelo Boal, a fim de que sirvam em um ambiente de conhecimento pessoal. No meu processo de formação como psicólogo, tive oportunidade de ter contato com as técnicas do Psicodrama, propostas por Jacob Levy Moreno (1993), o qual idealizou a terapia pelas dramatizações e pelo reconhecimento de papéis sociais. "O psicodrama pode ser definido como a ciência que explora a 'verdade' por métodos dramáticos" (MORENO, 1993, p. 17).

A proposta dessa abordagem consiste em desempenhar papéis pela dramatização, tendo o teatro como base inspiradora. A partir de um tema ou de personagens imaginados, os "atores espontâneos" emergem da plateia e escrevem a peça, conforme a encenam.

Juntamente com as oportunidades de vivências em exercícios teatrais e o contato com outros artistas, chegou a mim o convite para integração no grupo artístico da cidade de Ipatinga - Minas Gerais, chamado Núcleo de Dança-Dor. No decorrer dessa iniciativa no Núcleo, a função de psicólogo, ampliou o meu olhar para novas possibilidades de intervenção da minha profissionalização na Psicologia, com métodos artísticos vindos dos estudos em Teatro. Além do contato com linguagens teatrais, utilizadas nos palcos ou fora deles, deparei-me com o arsenal do Teatro do Oprimido, proposta de Boal, que propõe associar mudanças significativas no campo das ações sociais. Segundo o autor: "O Teatro do Oprimido é ensaio para a realidade - intervenção concreta no real"(BOAL, 2009, p. 185).

O interesse pelo discurso de Boal num Teatro revolucionário e de transformação da sociedade, propõe mudanças em pessoas que passam de espectadores para protagonistas da construção de uma nova realidade social. Isto despertou em mim a curiosidade de me aprofundar nas suas técnicas e filosofia. Encontram-se na árvore do Teatro do Oprimido diversas técnicas de intervenção como: Teatro Jornal, Ações Diretas, Teatro Legislativo, Teatro Invisível, Teatro Fórum, Teatro Imagem e os jogos. Como psicólogo, percebi a força do método de teatro e terapia de Boal, o qual pude aplicar, numa vivência de jogo teatral pelo Arco-Íris do Desejo, em meu projeto de pesquisa. Em específico, fiz uso de parte de um dos braços dessa árvore do Teatro do Oprimido.

Essa proposta de intervenção mais pessoal, íntima e expressiva dos próprios conflitos e incômodos que envolvem o homem, faz desse método teatral um meio de atingir aquele que busca respostas e/ou esvaziamento das confusões emocionais. Como participante no jogo do método do Arco Íris do Desejo, identifiquei que essa técnica teatral propõe uma aplicação para que o aprendizado seja realizado, e os resultados venham a partir da condução produtiva e organizada.

O papel do *curinga* é visto também como orientador das cenas apresentadas pelo grupo que esteja vivenciando algum jogo do Arco-Íris do Desejo. O trabalho do *curinga*, reflete a importância dessa função como mediador em grupos, pois é ele que conduzirá o surgimento de ações subjetivas e demais imprevistos nas cenas construídas. Portanto, “a lucidez do *curinga* deve ajudar a plateia, através de perguntas, a passar de uma compreensão conjuntural do problema a uma visão estrutural, tentando soluções mais abrangentes” (BOAL, 2009, p.212).

Inicialmente esta pesquisa se trata de um psicólogo que passou pelo papel do *curinga*, e foi importante observar as relações, contribuições e impedimentos que apareceram no cruzamento dos saberes entre Psicologia e Teatro no contexto da aplicação de jogos e exercícios do Arco-Íris do Desejo. Ao participar no grupo de convivência de mulheres do Programa NASF, como psicólogo graduado no exercício do *curinga*, experimentei as articulações entre esses saberes.

Considerando as minhas atribuições profissionais de psicólogo e, sendo uma delas o trabalho com grupos de convivência, identifiquei a possibilidade de oportunizar, no contexto do Programa NASF, como *curinga*, a aplicação do Arco Íris do Desejo com pessoas do sexo feminino. O NASF tem como principal objetivo a ampliação das ações na atenção básica de saúde, inserindo-se, de maneira estratégica, nos serviços públicos e instituindo a integridade do cuidado físico e mental dos seus usuários. No NASF, atua-se com grupos de convivência,

servindo de meios sociais de interação e trocas de experiências pessoais e, assim, quaisquer métodos aplicados tornam-se intervencionistas, gerando diálogos e compreensões das ações humanas na sociedade (Portal do Departamento de Atenção Básica). O grupo em questão está situado na cidade Dom Cavati do Estado de Minas Gerais e conta com 16 mulheres que aderiram ao programa.

A pesquisa com as mulheres do grupo de convivência passou por três encontros para que elas participassem do método de teatro e terapia do Arco-Íris do Desejo, e, nessa oportunidade, estive avaliando o trabalho do *curinga*, enquanto psicólogo. Além disso, a minha função de psicólogo se tornou um personagem coadjuvante na condução dos encontros. Os três jogos do Arco-Íris do Desejo para os três encontros com as mulheres foram escolhidos a partir da praticidade e da facilidade de aplicações em grupos. O cuidado com a minha escolha pelos jogos do método de teatro e terapia de Boal partiu do aprendizado e de como aplicar e desenvolver os trabalhos que realizo em grupos de intervenção terapêutico e social. Mas essa primeira experiência de *curinga* surgiu pelo fato de ter-me sentido muito provocado pela vivência de Arco-Íris do Desejo.

Partindo da premissa de ter a experiência de *curinga* para que pudesse identificar o quanto a minha formação de psicólogo poderia dialogar com a própria formação de professor de teatro, potencializei a minha ação na função do *curinga*. A primeira observação foi se o Arco-Íris do Desejo serviria como uma ferramenta de intervenção produtiva no grupo de convivência de mulheres no Programa NASF. Com a aplicação do método de teatro e terapia de Boal, em apenas três encontros pude avaliar quais seriam os impactos dessa técnica e do *curinga* em intervir nas ações no grupo de convivência de mulheres da cidade de Dom Cavati – MG. Não podemos esquecer que a minha intenção é problematizar também a dinâmica de atuação do *curinga* e o modo como os saberes em Teatro e Psicologia podem se articular no exercício dessa mediação em grupo. Resumindo de maneira mais específica, há o objetivo de avaliar o potencial interventivo dos jogos do Arco-Íris do Desejo nesse grupo de mulheres do Programa NASF. Além disso, é necessário observar os possíveis resultados positivos para ações no grupo de mulheres e os que precisam de arranjos na melhoria da aplicação do Arco-Íris do Desejo.

Toda essa minha perspectiva de colocar o Arco-Íris do Desejo como proposta de atuação no grupo de mulheres do Programa NASF é fazer uma análise também sobre os trabalhos realizados no coletivo para que eles venham engrandecer a partir de técnicas mais interventivas de Teatro. Nessa pesquisa, pretendo esclarecer que práticas teatrais possam ser aplicadas por profissionais da Psicologia que valorizam métodos mais criativos para

trabalharem com pessoas que necessitam atendimento. Percebo que o psicólogo que apresenta um perfil mais criativo e lúdico em sua atuação profissional, as discussões sociais podem ser mais ativas e participativas, e, por vezes, tornam-se menos frustrantes e vazias. Diante disso, “se o homem se detivesse no excessivo respeito àquilo que sua criatividade já produziu, apenas conservando e cultuando o que está pronto, ele perderia sua espontaneidade” (Camila Salles Gonçalves, 1988, p.48).

Compreende-se que pensar uma Pedagogia advinda do Teatro, do conhecimento adquirido em estudos artísticos, em formações acadêmicas e dos encontros provenientes das vivências em Artes, possa enriquecer os métodos e novas concepções de atuação profissional. Como citado anteriormente, o papel do *curinga* do Arco-Íris do Desejo em um Bacharel em Psicologia é ser uma tentativa de construção do termo “*curinga psicólogo*”. Mas gostaria de frisar, nessa pesquisa, que a função do *curinga* pode contribuir no exercício profissional do psicólogo, e que não é necessário ser graduado em Psicologia para ser um *curinga*.

Contribuindo para essa aplicação do método de teatro e terapia de Boal, e a experiência em exercer a função de *curinga* no grupo de mulheres do Programa NASF, a pesquisa consistiu na postura epistemológica do Construcionismo. Os encontros passaram por prática pedagógica, além de ter como base uma teoria de aprendizagem e o desenvolvimento humano com forte prestígio científico. Em outras palavras, na tese central do construtivismo, “[...] o conhecimento não tem sua gênese nem no sujeito, nem no objeto, mas resulta das interações estabelecidas entre o sujeito e objeto pela ação do sujeito. [...]” (COLLARES, 2003, p. 49).

As interações do papel do *curinga* passam pela formação em Teatro e Psicologia, e pela aplicabilidade dos jogos teatrais do Arco-Íris do Desejo, no grupo de convivência de mulheres do Programa NASF, na cidade de Dom Cavati – MG. Assim, as vivências entre as participantes contribuíram na geração de conhecimento do método idealizado por Boal.

Considerando a relação do grupo de mulheres com o método de teatro-terapia, as aplicações subjetivas em relação ao procedimento e ao teor qualitativo são características das imprevisibilidades do processo de pesquisa. O desenvolvimento do pensamento coletivo, distributivo e compartilhado, fez-se pela intervenção no grupo pesquisado pelo Arco-Íris do Desejo. A produção do conhecimento é algo mais amplo e rico de possibilidades com o objeto pesquisado, oportunizando a confirmação da eficiência do método de Boal no grupo de mulheres do Programa NASF.

A perspectiva Construcionista soma-se com a concepção teórica do Interpretativismo, e corresponderá ao prisma holístico, dinâmico e simbólico desses processos sociais. Na ação deste *curinga*, com formação em Psicologia e, logo após, em Teatro, será possível promover o desenvolvimento das intervenções do Arco-Íris do Desejo, na promoção do objeto de pesquisa e com resultado subjetivo a partir das construções nas observações. Trabalhando esse método de Boal, o papel do *curinga* é expressar a compreensão interpretativa das ações das mulheres na aplicação da técnica teatral. Portanto, a construção de conhecimento e as observações presenciadas nos três encontros com o grupo produziu material de análise e identificação dos resultados nas relações com os jogos teatrais.

Como proposta de metodologia, a observação se fez na pesquisa de campo, e com alguns complementos pelo conhecimento bibliográfico. O material coletado será para discriminar e interpretar os resultados da aplicação do Arco-Íris do Desejo na práxis da atuação do *curinga* em relação ao aplicador psicólogo. Para identificar as resultantes desse trabalho com o grupo de mulheres, serão fichados, analisados, comparados e avaliados os dados coletados durante a pesquisa. Além disso, analisar-se-á a contribuição do método de teatro e terapia, criado por Boal, no projeto desenvolvido com o grupo.

Concretizando todo esse levantamento, somente com a prévia autorização das mulheres participantes no grupo é que os três encontros das oficinas vivenciais do Arco-Íris do Desejo foi realizado. Na realização dos encontros, os dados e informações passaram pelo método qualitativo, relacionando-o com a observação da aplicação dos jogos teatrais. Entretanto, as questões subjetivas que emergiram durante os jogos puderam, durante a investigação, extrair outras informações que não estavam previstas, porém aproveitadas dentro das estruturas do Construcionismo e Interpretativismo proposto para essa pesquisa.

Na produção da pesquisa, o primeiro capítulo apresentará inicialmente o caminho ao encontro do Teatro, relacionando-o à minha formação inicial como psicólogo. E, nesse contato, foram absorvidos por mim os métodos de intervenção através do Teatro e as descobertas do Arco-Íris do Desejo, criado por Boal. Nas ramificações do Teatro do Oprimido, o método de teatro e terapia do Arco-Íris do Desejo aproxima-se da Psicologia como ferramenta de intervenção humana e coletiva. Apresento-me como *curinga* nessa função de aplicador dos jogos teatrais do referido método e, quanto ao público alvo, objetivo falar sobre os grupos de convivência, a participação das mulheres nesses trabalhos coletivos e o Programa NASF. No entanto, é importante expressar a intervenção do Teatro nas ações coletivas em caráter de interação e como o Arco-Íris do Desejo pode ser trabalhado nesse grupo na cidade de Dom Cavati – MG.

Já o segundo capítulo da pesquisa tratará de descrever sobre a aplicação dos jogos teatrais nos três encontros planejados para o grupo de mulheres. Nos trabalhos desenvolvidos, haverá ênfase sobre o papel do *curinga* nessa atuação prática do método do teatro e terapia de Boal. A observação do interventor teatral em ter outra área de conhecimento irá contribuir para a condução e o olhar pragmáticos do trabalho no grupo de mulheres.

CAPÍTULO 1 - UM PERCURSO DA PSICOLOGIA AO TEATRO: O CURINGA NO MÉTODO DE TEATRO TERAPIA "O ARCO-ÍRIS DO DESEJO"

1.1 - Memorial: vivência e formação da Psicologia ao Teatro

Partindo para um estado nostálgico, descobri que, para mim, o Teatro está anterior à formação acadêmica em Psicologia. Em momentos de interação e cumprimentos de tarefas em instituições como escola e igreja, vêm as apresentações teatrais e intervenções artísticas realizadas desde a adolescência. Mesmo não sendo considerada uma participação mais profissional ou técnica em relação ao estudo aprofundado em Teatro, tudo aconteceu de maneira espontânea e criativa. Antes mesmo de chegar à academia para aprender Psicologia, essas experiências cênicas vividas colaboraram para que minhas intenções futuras viessem a se concretizar na continuidade do aprendizado e no contato de técnicas do pensamento artístico.

Segundo Boal:

[...] o teatro é a primeira invenção humana e é aquela que possibilita e promove todas as outras invenções e todas as outras descobertas. O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver – ver-se em situação (1996, p. 27).

Durante a formação em Psicologia, muitas ofertas de cursos e oficinas artísticas foram oferecidas, e a cada participação, a curiosidade era instigada para participar das linguagens do Teatro. Algumas experiências tiveram maior efeito na continuidade do aprendizado em artes cênicas, e, no ano de 2010, tudo começou a partir do ensino das técnicas de Clown, pelo integrante da Companhia La Stravagante, o clown francês Alain

Vigneau Costedoat. A proposta deste curso abordou o diálogo das artes do clown para trabalhar com a “criança interior” e os conflitos que a fase adulta desenvolve. Nesse primeiro momento de percepção e vivência, iniciou-se a construção de um entendimento que é possível envolver Arte e Terapia com um profissional artista, sem uma perspectiva da formação em Psicologia. Isso revelou esse lugar de trabalho, no qual a probabilidade de interagir as áreas mostra condições favoráveis de tornar as atuações profissionais do psicólogo algo mais criativo e produtivo terapeuticamente. Todo esse olhar diferenciado sobre as ações do Teatro numa perspectiva de construção humana veio com os jogos de clown que esse curso promoveu. Oliveira e Araújo (2012, p. 349-350), alerta que a discussão parece importante tendo em vista as implicações éticas e técnicas envolvidas na superposição das duas áreas – teatro e terapia – e que exigem o devido cuidado tendo em vista os diferentes contextos e especificidades de cada área.

Ressalto o quão interessado e sedento me sinto em descobrir mais sobre as artes cênicas, porém identificando como os artistas sem a formação em Psicologia podem trazer uma concepção de conhecimento humano e ao mesmo tempo uma capacitação artística que se integra no curso ou oficina. Percorrendo em caráter mais profissional as Artes, surgiu uma oportunidade diferenciada de aprender e experimentar sobre a dança contemporânea, assim sendo numa residência artística internacional chamada Corpografias. A residência aconteceu ainda em 2010, na cidade de Ipatinga-MG, e foi ministrada pela coreógrafa pernambucana Mônica Lira em 10 dias consecutivos de aulas, experimentos e imersão da técnica da dança contemporânea. Nesses dias de muitos impactos e interiorização das capacidades físicas, a experiência em passar por outra vertente artística, advinda da dança, trouxe novas relações com o desempenho humano no cotidiano da vida. Descobri nos movimentos individuais e nas coreografias, somando com as orientações da especialista da dança, o estímulo para uma continuidade e desejo de desenvolver capacidades artísticas. Isso cria no psicólogo, que está ávido por adquirir novas compreensões sobre o homem, uma forma de se compreender como ser artista. Novamente reforça com Oliveira e Araújo (2012, p. 350) que convém lembrar que muitos(as) participantes de oficinas não têm experiências anteriores ou mesmo qualquer conhecimento sobre teatro ou Psicologia que lhes permitam avaliar os riscos e os limites da sua exposição nesse tipo de vivência.

Com duas vivências profundas e significativas passando pelo Clown e a dança contemporânea, o projeto visa ampliar as relações com demais pessoas viventes das Artes, além de promover outros convites que não estão previstos nas participações em oficinas e cursos voltados para a formação artística. Portanto, passado um mês na experiência vivida na

residência de dança contemporânea, surgiu o contato de outro integrante que participou, fazendo assim o convite para participar na formulação de um grupo da arte contemporânea, que iria pesquisar a linguagem da dança-teatro. O grupo chama-se Núcleo de Dança-Dor, que trata da arte contemporânea como proposta de manifestação artística e produção de espetáculos. Nesse encontro com o Núcleo, iniciou-se outra atuação e papel profissional dentro dos moldes das Artes, como a dança e o Teatro. Para Boal,

o ser torna-se humano quanto inventa o Teatro. A profissão teatral, que pertence a poucos, não deve jamais esconder a existência e a permanência da vocação teatral, que pertence a todos. O teatro é uma atividade vocacional de todos os seres humanos.” (1996, p.28)

A atuação mais ativa e participativa no Núcleo de Dança-Dor passou a ter um espaço de maior interação e entrega nos estudos do Teatro, para que as dramatizações venham a ter mais veracidade e sejam tecnicamente apresentadas. Assim, muitas oportunidades de formação, aprendizado e trocas artísticas passaram a ter mais valor para o psicólogo que as iniciou como experimento pessoal e, por fim, viu-se mais envolvido e entregue aos movimentos e participações daquilo que seria realizado nas Artes da cidade de Ipatinga-MG. Dentro dessas ofertas, após envolvimento, surgiram as seguintes oficinas e cursos:

- Oficina de Musicalidade Corporal (Projeto “Estudo para uma dança”)– Espaço Híbrido’s, ministrada por Celso Nascimento e Patrícia Werneck – Cia. Nólsláemcasa Período: 21 de Março de 2010;
- Edição de Música Eletrônica com Ableton Live – Centro Cultural Usiminas Projeto Interferências Cênicas Período: 22 e 23 de Novembro de 2010;
- Curso de Ator – Grupo Perna de Palco, ministrado por Cacá Carvalho Período: 02 e 03 de Agosto de 2011;
- Oficina “O Circo e a Escola: Teatro, dança e música”, ministrada pelo Grupo Acrobático Fratelli Período: 27 e 28 de agosto de 2012;
- Oficina de Teatro “Para a Casca – Corpo Presente”, ministrada por Joaquim Elias da Cia Casca – BH Período: 16 a 19 de Outubro de 2012;
- Mediação de Espetáculos - Caravanas Cênicas – Projeto de Extensão da UnB – 2012 a 2014.

No ano de 2011, na cidade de Ipatinga-MG, surgiu a graduação em Licenciatura em Teatro, fruto da parceria entre a prefeitura e a Universidade de Brasília – UnB. Pelas vivências em Teatro, as trocas inerentes entre as oficinas teatrais e o encanto da atuação nas artes assumiram o desejo de aprofundar no ensinamento e no conhecimento desenvolvido

por teóricos das artes cênicas. Contudo, por estar no último ano do Bacharelado em Psicologia, o desafio ampliou para o enfrentamento de superar duas graduações num prazo de um ano, pois logo terminaria a graduação do conhecimento humano e psíquico. Por fim, iniciou-se a introdução do Teatro num olhar acadêmico para o conhecimento em Artes. No decorrer de quatro anos de formação em Licenciatura, muitas oportunidades a academia promoveu, dentre elas a perspectiva de um curso de extensão universitária em Mediação de Espetáculo de Teatro.

A perspectiva de atuação do trabalho da mediação em Teatro passa desde locais como casas de cultura até a prisões, e as entidades e instituições estão abraçando as iniciativas de ação nas artes cênicas. Os profissionais da mediação são empenhados em promover a aproximação entre as obras e os interesses do público, levando em conta o contexto e as circunstâncias. O conceito do trabalho mediador em Teatro passa, também, a ocupar um espaço que se configura num âmbito que vai além da leitura da obra. A integração desse conceito da mediação gera formulações e experimentações nas crianças e jovens, além da reflexão sobre a arte e sua inserção cultural, conforme afirma Maria Lúcia de Souza Barros (2011 p. 113).

O desenvolvimento de atividades teatrais em contextos sociais diversos pode fomentar o olhar estético/artístico nos agentes sociais que possuem formação em outras áreas do conhecimento, bem como pode evidenciar os pontos de contato com demais áreas do saber, como a Psicologia. Atualmente, as diversas outras áreas acadêmicas que promovem intervenções sociais com foco na emancipação dos sujeitos não estão relacionadas ao campo das artes cênicas, mas passam a ver no Teatro possibilidades de atuação que têm promovido, ou que podem promover uma perspectiva diferente no profissional. Como citado anteriormente, a Psicologia é uma área das ciências humanas que, caso cruze com as Artes, pode criar uma postura de intervenção mais estética e dinâmica. Como afirmam Oliveira e Araújo:

[...] a discussão parece importante tendo em vista as implicações éticas e técnicas envolvidas na superposição das duas áreas - teatro e terapia - e que exigem o devido cuidado tendo em vista os diferentes contextos e especificidades de cada área[...] (2012, p. 349-350).

Como exemplo de corrente de pensamentos da Psicologia que considera os aspectos estéticos do comportamento humano, ressalto aqui o Psicodrama. Como já foi abordado anteriormente, o Psicodrama, na relação com a técnica do Arco-Íris do Desejo, pode apresentar pontos de contato, como mecanismos de auto-observação e extrapolação da

realidade, e com o envolvimento dos papéis do psicólogo e *curinga*, que é de elevar o autoconhecimento para problemas mais amplos e coletivos. Como já ressaltéi, nesta pesquisa, interessa aqui os pontos de contato entre a minha formação como psicólogo e professor de Teatro, para assim cruzar os saberes entre Psicologia e Teatro, e, de forma prática, trazer as vivências do grupo de mulheres do Programa NASF com aplicação de jogos do Arco-Íris do Desejo, de Boal.

O psicólogo, nas suas atividades profissionais, tem a necessidade de utilizar múltiplas ferramentas para conseguir atingir uma pessoa em situação de tratamento ou processo terapêutico. Na ação do psicólogo, percebo uma defasagem criativa em buscar novas maneiras de intervenções, pois as atividades aplicadas são reproduzidas e copiadas de outros métodos dentro do campo da Psicologia. A descrição do meu percurso, da Psicologia ao Teatro, ilumina a importância que valorizo nesse trabalho com o papel do *curinga*. Esse mediador, para Boal, criador do método de teatro e terapia, chama-se *curinga*. Para Boal (2000, p. 56) o *curinga* tem o papel de mediador na nova proposta que se pretende sugerir como forma permanente de se fazer teatro, dramaturgia e encenação.

Antes mesmo de experimentar a função de *curinga*, sou um profissional da Psicologia e venho de uma formação acadêmica de cinco anos, que aprofunda nos estudos científicos sobre o homem e suas relações consigo e com o mundo que o cerca. As relações nas quais o homem se encontra estão no contato com o social pelas condições conflituosas de cunho psicológico e/ou nas interações estabelecidas no seu contato com o outro. A psicologia afirma que existem parâmetros de relações individuais a partir daquilo que é orgânico ou fisiológico, como transtornos e distúrbios advindos desde o nascimento, ou seja, natos. Para isso, os trabalhos desenvolvidos pelos psicólogos exigem maior sensibilidade no olhar e técnicas diferenciadas para elevar o encontro de pacientes em busca do tratamento psicológico.

Como proposta de aprimorar as técnicas já apreendidas na formação em Psicologia, o Teatro pode apontar condições mais lúdicas, dinâmicas e criativas para ser inseridas nos tratamentos terapêuticos. O exercício teatral promove, na ação corporal, uma visão construtiva e rica na condução de trabalhos terapêuticos em tratamento coletivos, pois os participantes estão ali para compartilhar seus conflitos íntimos e problemas de interação social. Acredito que, para aproximar o Teatro da Psicologia, é preciso que o psicólogo tenha gosto e curiosidade em se aprofundar nos discursos que as Artes promovem na sociedade e no mundo.

Além do mais, creio ser importante que um psicólogo interessado no trabalho artístico possa participar de ações e práticas de Teatro e assim otimizar as ferramentas de sua ação na Psicologia por meio de seu contato com as artes e, mas especificamente, do Teatro. O meu interesse pelo trabalho de Boal está nessa junção de técnicas terapêuticas à arte teatral, pois com o Arco-Íris do Desejo pude colocar em prática minha observação e permitir que o sujeito alcance o conhecimento de si mesmo, por meio da terapia psico-teatral.

1.2 - O Método de Teatro Terapia – O Arco Íris-do Desejo: o curinga como intervalo entre o psicólogo e o professor de teatro

A segurança na aplicação das técnicas do Teatro a partir das experiências vividas e do estudo sistemático na graduação acadêmica fez do psicólogo citado, e agora também artista, um instrumento de propostas mais interventivas que possam dialogar com a Psicologia nesse grupo de mulheres. Com os estudos que se aprofundavam na graduação em Teatro pela UnB, o pesquisador passou a conhecer sobre as contribuições de Boal e suas técnicas de transformação social pela vertente artística teatral.

O Teatro do Oprimido é um sistema de exercícios físicos, jogos estéticos, técnicas de imagem e improvisações especiais, que tem como objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação humana, tornando a atividade teatral um instrumento eficaz na compreensão e na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais (BOAL, 1996 p. 28-29).

O pesquisador em Teatro e idealizador do Teatro do Oprimido, Boal, tratava a arte como um pilar para a mudança e a ação social. Sendo uma referência do teatro contemporâneo, o autor elevou o Teatro como ferramenta de luta política, mas também em áreas de educação, saúde mental e sistema carcerário. Buscava a humanização do homem e, em 2009, foi nomeado embaixador mundial do Teatro e indicado ao Prêmio Nobel da Paz. Nas suas experiências pela aplicação do TO (Teatro do Oprimido) pelo mundo, para Boal (1991) “a cidadania plena só pode ser atingida através da arte, única ferramenta capaz de mudar a visão de mundo”.

O método de teatro e terapia, chamado assim de Arco Íris do Desejo, conforme livro escrito por Boal, já demonstrava um diálogo com a Psicologia. O método foi inspirado na invenção do psicoterapeuta Jacob Levy Moreno, o Psicodrama. Entretanto, Boal emprega no TO a sistematização completa de técnicas e relaciona-as com o lado terapêutico,

caracterizando o Arco Íris do Desejo. Segundo Boal (1996, p. 29), “[...] na verdade todas as técnicas têm alguma coisa a ver com “o Arco Íris do Desejo”: todas tentam ajudar a analisar-lhe as cores para recombina-las noutras proporções, noutras formas, noutras quadros que se desejam[...]”.

As relações conflituosas, frustrações, fraquezas e impossibilidades de resoluções são materiais de jogos na perspectiva do Arco Íris do Desejo. Nas aplicações e intervenções, os participantes compreendem novas respostas e apresentam inúmeras soluções para transformar a realidade do conflito opressor. Conforme definição de Boal (1996, p. 29), “[...] a função terapêutica específica do teatro reside no ver e ouvir. Vendo e ouvindo – e, ao ver-se e ao ouvir-se, o protagonista adquire conhecimentos sobre si mesmo.”

Durante os fenômenos surgidos no grupo trabalhado, é necessário e fundamental a participação de um condutor/mediador. Conforme foi considerado anteriormente, na estrutura do Teatro do Oprimido, chama-se de *curinga* aquele que exerce a função de norteador e acompanhante dos movimentos e emersões do grupo no processo de aplicação dos métodos de Boal.

O termo *curinga* faz referência à carta do baralho que, por sua versatilidade, pode ocupar várias posições no jogo. O(a) *curinga* é um(a) multiplicador das técnicas de TO e exerce funções como coordenar a criação do texto a ser apresentado, agregar e organizar as ideias do grupo, dirigir, fazer a marcação de cena e moderar os debates dos espetáculos de teatro-fórum (BOAL, 2000, 2005; NUNES, 2004; SILVA, 2009).

A importância do *curinga* é constituída a partir da imagem de referência da intervenção técnica e da sensibilidade em traduzir as histórias vivenciadas nos jogos por cada participante. Na condução do método, o *curinga* dependerá de preparo e capacidade com os participantes num ambiente de encontro e, ali, desempenhar um olhar para a opressão a qual possa estar perpassando pelas relações sociais e interpessoais. Considerando as experiências e vivências individuais colocadas em cena, o grupo tem a oportunidade de buscar uma nova resposta ou solução para as relações sociais apresentadas, nas produções dos jogos. Conforme Nunes,

com relação à questão da autoridade, ela também assinala que, se o(a) *curinga* é um(a) facilitador(a) da liberação das opressões e da busca da verdade dos(as) integrantes do grupo, em hipótese alguma ele pode arrogar-se como o(a) dono(a) da verdade, como às vezes acaba acontecendo. (1990, pg. 29)

Embora tenha a função de provocador, o *curinga* permite que outras áreas possam dialogar com o método teatral, e ser necessárias no seu processo de descoberta e

apontamento da opressão em grupos. Boal não criou a estética do Teatro do Oprimido com base em formação superior para alguma área específica, mas na intenção de disseminar os seus estudos e técnicas, formando multiplicadores de sua obra. A multiplicação se faz por aqueles que tenham interesse, curiosidade e contato com o Teatro e áreas afins. O diálogo, o viver e o apreciar Teatral é algo que faz com que a função do *curinga* seja mais apropriada com a linguagem teatral de Boal, além de elevar a percepção crítica das cenas opressoras apresentadas.

No desenvolver do Arco-Íris do Desejo, que trata do material individual para o coletivo, o *curinga* pode apresentar um diferencial quando se preocupar com mais detalhes nos mecanismos psicológicos, isso pelo teor psíquico que emerge entre aqueles que se encontram nas cenas construídas nos jogos. Portanto, o *curinga* precisará de outros saberes e assim talvez outras formações acadêmicas, como Psicologia. O contexto de abordar as funções mentais e as interações psicológicas dentro das relações que são trabalhadas em jogos do Teatro do Oprimido demanda estudos científicos mais detalhados pelo *curinga*. Como questionado por Oliveira e Araújo (2012, p. 350), que garantias o grupo têm de que seus conflitos, demandas e conteúdos emocionais mobilizados durante o processo serão acolhidos e trabalhados adequadamente pelos(as) *curingas* condutores(as) das oficinas, se estes(as) não têm necessariamente uma formação na área da Psicologia?

Ressalta-se que, para que o *curinga* consiga conduzir com presteza e eficiência os trabalhos com as oficinas, são necessários planejamentos, treinamentos e formação profissional adequados, a fim de garantir aos membros do grupo a acolhida necessária e as possíveis soluções para seus conflitos emocionais.

Aprofundando um pouco mais na Psicologia, esta é uma área das ciências humanas que busca compreender o homem como ser psíquico, promovendo o auto-conhecer pelas emoções e sensações. Psicologia vem da palavra *psique* (*Psyché* em grego), sendo um conjunto de fenômenos psíquicos que formam a unidade pessoal. O conhecimento do homem parte das relações dele com ele mesmo, com a sociedade e com objetos integrantes do seu desejo. Além disso, são nessas relações que o material psíquico é constituído, trabalhado e empregado como ser no mundo.

Não é um trabalho assistencialista, voltado para a perspectiva do indivíduo, nem contempla ou acredita em explicações psicologizantes e reducionistas. Tem claramente um **compromisso com os setores mais desfavorecidos**, em termos de contribuir para a sua conscientização e mobilização, iniciando-se na esfera das relações cotidianas (FREITAS, 1998, p. 422).

Atualmente, a Psicologia aparece em locais diversos para intervenção em pessoas, preocupando-se com a saúde mental e emocional. Nos trabalhos de observação, ela funciona como escuta e orientação. O profissional da Psicologia se faz útil e necessário para conduzir o indivíduo no encontro com a sua integridade mental, mas é somente a partir da vontade e do desejo de transformação da pessoa que estiver sofrendo é que o tratamento psicológico terá resultados positivos, ao contrário disso, as dificuldades e impedimentos de resolução de conflitos gerais não surtirão maiores efeitos. Os desafios para o trabalho do psicólogo estão nos detalhes da observação do outro, na escuta atenta dos discursos e na intervenção que trará reflexão para aquilo que o paciente estiver vivendo. Conforme Freitas (1998, p. 422), é visualizar o sofrimento humano - vivido cotidianamente, dentro de cada possibilidade construída pelas pessoas - como uma condição indigna, desumana e antiética.

Como citado anteriormente, o psicólogo tem opções de atuação em empresas, clínicas, comunidades, assistência social, hospitais, penitenciárias, ONGs, escolas e etc. Mas, partindo de um caráter mais terapêutico e de saúde mental, a clínica psicoterapêutica é um lugar específico que trata de forma individual e coletiva daqueles que necessitam e procuram. Avançando um pouco mais, a clínica, quando dialoga com outras esferas de trabalho, chega a outros locais para sofrer intervenção, como ocorreu com o grupo de mulheres do Programa NASF. Nesse lugar, também, vê-se a presença de um psicólogo na condução do grupo. A relação terapeuta-paciente está longe de ser simétrica pelo próprio poder que o(a) terapeuta exerce (ARAÚJO, 1995 p.33-39).

Antes mesmo de penetrarmos na questão do psicólogo em relação ao papel do *curinga* num grupo de intervenção, vale ressaltar que na Psicologia existe uma corrente específica que se apropria do Teatro para promover mudanças. Na teoria da Socionomia de Jacob Levy Moreno (1889-1985), a referida autora popularizou a técnica do campo da Sociatria, o Psicodrama. O modo revolucionário produzido por Moreno, de um teatro interventivo e diferente, trouxe quatro mudanças radicais: a retirada do dramaturgo e texto teatral escrito, a separação entre palco e plateia, a ênfase na improvisação, e a substituição do antigo palco por um palco-espço aberto. (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2012, p. 345)

Moreno construiu o Psicodrama como um conjunto de teorias e técnicas dramatizadas com a prática social e psicoterápica em indivíduos e grupos. O uso das técnicas e teorias ainda estão sendo continuamente aprimoradas por seguidores do Psicodrama. Assim, o uso do Psicodrama não se restringe a contextos terapêuticos, mas de maneira vasta em trabalhos de diferentes temáticas, sendo elas sociais, culturais, educacionais e trabalho, dentre outros. Para Sachs & Moreno (2000), o psicodrama é um método para explorar a verdade através dos

métodos dramáticos, treinar a espontaneidade e desenvolver a criatividade. O material dramatizado diz respeito à realidade do(a) protagonista (paciente) – seus relacionamentos, conflitos, desejos e necessidades.

Boal (1931-2005) e Jacob Levy Moreno (1889-1985) apresentam em estudos de outros acadêmicos uma semelhança nas práticas e técnicas desenvolvidas, pois ambos oferecem um fazer teatral inovador. Nas propostas de ambos estudiosos do Teatro, quanto à intervenção social e humana, eles também apresentam a preocupação de estimular a atividade, espontaneidade e a criatividade. Portanto, isso tudo resume-se em apropriar-se do método dramático como ferramenta de mobilização para resolver conflitos e transformar a realidade social do indivíduo.

Nos estudos que realizei sobre as relações do Psicodrama e o Arco-Íris do Desejo, percebi o esforço de Boal em diferenciar os dois métodos. Nas áreas, mesmo aparentando ser superpostas, Boal descreve em alguns de seus relatos que não teve experiência prática com o psicodrama. Ainda assim, Boal participou como convidado da Dra. Zerka Moreno (esposa de J.L. Moreno), do trabalho, no qual fez a abertura do *X Congresso da Associação Internacional de Psicoterapia de grupo (IAGP)* em 1989, em comemoração ao centenário de nascimento de Moreno. Na ocasião, apresentou as técnicas do Arco-Íris do Desejo. Nesse evento, sendo questionado sobre o Moreno ser um precursor dos métodos de Boal, o mesmo negou. Mas, em 1996, foi lançado o livro sobre a sistematização completa das técnicas do Arco-Íris do Desejo que menciona inspiração no Psicodrama de Moreno (BOAL, 1996 p. 24).

Enquanto torna-se psicólogo na formação em Psicologia, para ser um multiplicador do Teatro do Oprimido de Boal, configura-se o *curinga*, e, no Psicodrama de Moreno, o psicodramadista. O cruzamento entre essas formações e encontros de técnicas de saberes do homem pode elevar a capacidade de percepção e ampliar a atuação para inúmeras possibilidades de intervenção. As ferramentas de cada teoria e técnica sendo bem direcionadas e aplicadas, caso gerem diálogo produtivo, promovem a dinamicidade criativa, inerente ao processo de intervenção do profissional. De acordo com Lacan (1973), esta é uma relação entre um *sujeito suposto saber* e um outro que se submete a ele. Assim, aprender a lidar e a trabalhar com isso faz parte da formação e da prática de qualquer terapeuta.

Considerando o foco no papel do *curinga*, a preocupação mais ampla e diretiva nas questões psíquicas emergidas no grupo pode ser adquirida no estudo da Psicologia e suas bases teóricas. A formação acadêmica em Psicologia contempla-se na potencialização das resultantes dos jogos aplicados nos métodos apresentados por Boal, podendo assim identificar outras demandas individuais que surgem no trabalho em grupo. Mas é importante

afirmar que a perspectiva de aprendizado em Psicologia para um modelo de intervenção pelo Arco-Íris do Desejo seja uma maneira somatória nas compreensões frente ao homem e à sua totalidade nas relações que se encontra. E é também, uma questão de escolha do profissional *curinga* em buscar esse conhecimento ou não. Os métodos de Boal são democráticos, revolucionários e acessíveis a todos. Para Bezerra (2000), o uso inadvertido dessas técnicas pode afastar o TO das suas raízes contestatórias. E mais, se aplicadas sem aprofundamento ou embasamento teórico, poderão produzir novas opressões nas pessoas, agora praticadas por aqueles(as) que justamente desejam combatê-las.

Para compreender a visão de Boal quanto ao espaço de intervenção em Arco-Íris do Desejo, é preciso delimitar o "Espaço Estético". O lugar de aplicação tende a apresentar diferenças, por se tratar de ser colocado o palco teatral em relação ao palco terapêutico. A visualização do espaço estético (palco teatral) se dá sempre quando ocorre a separação entre os dois espaços: o do Ator e o do Espectador; ou a dissociação de dois tempos: hoje eu aqui, e ontem eu aqui mesmo; ou hoje e amanhã; ou, agora e antes; ou, agora e depois. Coincidindo comigo mesmo no momento presente, pois o eu estou vivendo e o ato de vivê-lo é lembrar o passado ou imaginar o futuro. (BOAL, 1996 p. 33)

O Espaço Estético de Boal não é visto só como algo espacial, mas sim dimensionado como um espaço subjetivo para os participantes. A divisão cena-sala gera dimensões, estimulando o saber e o descobrir, o conhecimento e o reconhecimento; propriedades que induzem ao aprendizado. Sendo assim, o Teatro é uma forma de conhecimento. Para isso, Boal apresenta três propriedades essenciais para o contato com o Teatro e o ato de se observar em dramatização da própria história. A *plasticidade* permite e induz o livre exercício da memória e da imaginação, o jogo do passado e do futuro. A *telemicroscopicidade*, tudo magnificando e tudo fazendo presente, permite-nos ver o que, de outra forma, em dimensões menores e mais distantes, passaria despercebido. Finalmente, a *Fissão* que se produz no sujeito que entra em cena permite - e mesmo torna inevitável - a auto-observação (BOAL, 1996 p.41).

Espera-se que dentro do Espaço Estético, os participantes tenham reações, e Boal cita os conceitos de identificação, reconhecimento e ressonância durante os jogos teatrais.

A identificação é a mais forte na medida em que é a própria personalidade do ator que anima essa relação, sua própria sensibilidade. O reconhecimento será mais intenso se o ator tiver vivido ou se ainda estiver vivendo uma relação de oposição à imagem (ou à personagem) que ele afirma conhecer ou reconhecer. A ressonância trata-se de um tipo de relação na qual a imagem ou a personagem despertam no ator sentimentos e emoções que ele não pode identificar ou delimitar senão vagamente (BOAL, 1996 p. 80).

No momento em que o participante esteja em atuação dramática, relatando a própria realidade, podendo ser conflituosa ou opressora, o encontro consigo pode provocar, por vezes, efeitos emocionais, nostálgicos e de enfrentamento. O contato da ação dramatizada, somado à identificação e à auto-observação recai na catarse. A palavra catarse vem do grego *katharsis*, significando purificação e limpeza. Assim, é a tentativa de o indivíduo ou o grupo limpar-se dos elementos perturbadores do próprio equilíbrio interno. Boal apontou diferenças em quatro tipos de catarses, sendo elas: *A Catarse Clínica*, que busca eliminar os elementos ou as causas de sofrimentos físicos, psicológicos ou psicossomáticos dos indivíduos; *A Catarse Moreniana*, que mostra que o que é expulso é, de certo modo, um veneno, buscando também a felicidade do indivíduo; *A Catarse Aristotélica*, que é trágica por eliminar sempre uma tendência do herói de violar a lei, independentemente de ser humana ou divina, adaptando o indivíduo aos valores da sociedade; e *A Catarse no Teatro do Oprimido* (1996 p. 81-83).

A *Catarse no Teatro do Oprimido* diferencia-se das demais pela forma com a qual são colocados os espectadores em contato com a cena teatral. O espectador sai da condição de passividade e observador, e passa a ser interventor e participante da mudança no contexto da cena apresentada. Nessa condição do partir para ação do espectador, ela tem o poder de destruir e substituir cenas fictícias para uma ação real. Transformando a cena para a expectativa de realidade, o espectador cria novas alternativas e possibilidades, porém demonstra a realidade que quer modificar e viver. Por fim, o espectador passa a ser espectador, pois vê e age.

Esta última catarse foi a adotada por mim em meu trabalho com o Grupo de Convivência de Mulheres da Cidade de Dom Cavati em Minas Gerais, confirmando o que diz Boal em relação a esse procedimento.

A finalidade do Teatro do Oprimido não é de criar o repouso, o equilíbrio, mas é de criar o desequilíbrio que dá início à ação. Seu objetivo é DINAMIZAR. Essa DINAMIZAÇÃO e a ação que provém dela (exercida por um espectador em nome de todos) destroem todos os bloqueios que proibiam a realização dessa ação. Isso quer dizer que ela purifica os espectadores, que ela produz uma catarse. A catarse dos bloqueios prejudiciais (BOAL, 1996 p. 83).

Pensando na *catarse* no Teatro do Oprimido e a conjunção do papel do *curinga* em sintonia com o psicólogo, surge novas aplicações e intervenções no Grupo de Convivência de Mulheres da Cidade de Dom Cavati em Minas Gerais. E, além disso, o Arco-Íris do Desejo surgiria como técnica a ser trabalhada no grupo, a fim de perceber a função do *curinga* no profissional da Psicologia.

1.3 - O Grupo de Convivência do Programa Núcleo de Apoio à Saúde da Família da cidade de Dom Cavati, Minas Gerais.

Como experiência na atuação de psicólogo e, para descrever o processo no Grupo de Convivência do Programa NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família) da cidade de Dom Cavati de Minas Gerais, contei com a participação direta das mulheres que compunham o grupo. A minha participação de psicólogo nesse grupo acontece desde o mês de Julho de 2014, atuando constantemente em um encontro por semana, sempre às quartas-feiras, no horário de 08:00 às 09:30. A tentativa para atuar com o Teatro nesse grupo de mulheres passa-se por avaliar o potencial produtivo do método de teatro e terapia do Arco-Íris do Desejo desenvolvido por Boal. Antes mesmo de apontar o trabalho com o grupo de mulheres, é válido apontar do que se trata o Programa NASF.

O Núcleo de Apoio à Saúde Familiar (NASF), conforme o Departamento da Saúde Básica do Ministério da Saúde do Governo Federal, desde 2008 tem como objetivo apoiar e consolidar a Atenção Básica no Brasil, ampliando as ofertas de saúde na rede de serviços, assim como a resolutividade, a abrangência e o alvo das ações. A regulamentação partiu pela portaria nº 2.488 de 21 de outubro de 2011, configurando a criação de equipes multidisciplinares atuando juntamente com as equipes de saúde (eSF), equipes de populações específicas (rua, ribeirinhas e fluviais) e com o Programa Academia da Saúde. A atuação integrada permite discutir casos clínicos, atendimento compartilhado, construção de projetos terapêuticos (grupos) e focar prioritariamente nas ações de prevenção e promoção da saúde.

O NASF deve trabalhar no sentido de ampliar a capacidade de resolutividade da Atenção Básica através da ampliação da clínica e do cuidado compartilhado com a equipe de Saúde da Família. O NASF deve atuar de forma integrada e planejada nas ações sobre o território, junto com as Equipes de Saúde da família, devendo haver espaços de discussão e planejamento entre o NASF e as Equipes de Saúde da Família (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012).

A cidade de Dom Cavati, em Minas Gerais, na qual essa pesquisa foi desenvolvida, apontou uma participação maciça de mulheres no grupo terapêutico realizado pelo Programa NASF. Esse grupo tratava de discutir assuntos referentes aos comportamentos influentes no processo de perda de peso, nomeado pelo nome fantasia como o grupo da Terapia do Emagrecimento (TE). E já no primeiro encontro da TE, contava unanimemente somente com mulheres, mesmo sendo aberto a toda comunidade, totalizando 30 pessoas. Mas, no decorrer dos encontros semanais, o número de participantes foi diminuindo, ficando fixo somente 16

mulheres para o desenvolvimento do trabalho terapêutico. Essas mulheres apresentam faixa etária entre 25 a 65 anos, estão em condição econômica vulnerável e utilizam esse serviço de acesso público gratuito. Na participação no grupo, as mulheres estabelecem um trabalho de inserção social e apropriam-se do Programa NASF que faz parte de uma das diversas ações dentro da Secretaria da Saúde da cidade de Dom Cavati-MG.

No decorrer de todo o trabalho no grupo, o psicólogo já apresentava aprendizados em Teatro, isso pelas constantes vivências em oficinas artísticas, nos trabalhos de palco no Núcleo de Dança-Dor, somados com a formação em curso na graduação em área das artes cênicas. Na oportunidade de aplicação lúdica no grupo de mulheres do Programa NASF, passei, então, a inserir jogos da esfera teatral que possibilitariam ampliar discussões e compreensões referentes aos temas de cada semana no encontro. Toda a condução do psicólogo no grupo com os jogos chamou atenção para os comportamentos de interesse, facilitando o compartilhamento de situações íntimas e pessoais das mulheres que estavam ali participando. Essa observação ampliou a importância de métodos de intervenção da linguagem teatral numa concepção terapêutica.

A importância das terapias teatrais reside neste mecanismo de transformação do protagonista, que deixa de ser apenas objeto-sujeito (de forças sociais, mas também psicológicas; conscientes, mas também inconscientes) e passa a ser sujeito desse objeto-sujeito. Não reside apenas no fato de sermos capazes de ver o indivíduo em ação, aqui e agora, em atos e palavras: esta é a visão do terapeuta; aquela, a do paciente (BOAL, 1996 p.40).

Entendemos por vivências anteriores aquelas vividas com oficinas artísticas, nas quais não há uma necessidade de se ter a graduação em Psicologia para ser um mediador de Teatro em grupos de discussões de assuntos cotidianos e pessoais. Mas, partindo para uma perspectiva do psicólogo aqui citado, existe o cuidado em cruzar os saberes, para não acontecer confusões e até mesmo repúdio daqueles que não se identificarem com a proposta de intervenção teatral. Essa atenção surge no estereótipo que o senso comum cria sobre os riscos de exposição do Teatro, sempre fazendo referência àquilo que possa ser do ridículo ou que gere vergonha.

Mas acreditamos ser necessário que novos espaços de discussão sejam abertos para que essas técnicas, quando aplicadas, possam ser conduzidas levando em consideração a série inesgotável de preocupações que todos os que aplicam técnicas e procedimentos voltados para questões íntimas dos sujeitos precisam ter.” (OLIVEIRA & ARAÚJO, 2012 p.350)

A condução do Teatro por grupos que não tenham um cunho de formação ou capacitação artística necessita daquele que aplicará aos jogos mais atenção, tato e percepção do movimento individual de cada participante. Embora o psicólogo esteja no grupo desde a sua iniciação com as mulheres do Programa NASF, ainda assim precisa ter imensa sensibilidade para oferecer uma proposta que não estava planejada na fundação desse coletivo. E, além disso, deixar claro e receptível o método que pretende desenvolver durante os encontros, pois existe a possibilidade de estranhamento e desistência por se tratar de algo do mundo do Teatro. Isso dependerá da relação e da forma de comunicar do profissional que está à frente do grupo em “quebrar” as premissas negativas reforçadoras sobre o que é Teatro e o que é fazer Teatro.

CAPÍTULO 2 - UM INTERVALO NA ROTINA DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE MULHERES DA CIDADE DE DOM CAVATI PARA O EXERCÍCIO DE ALGUMAS TÉCNICAS DO ARCO-ÍRIS DO DESEJO: O JOGO ENTRE *CURINGA* E PARTICIPANTES.

2.1– Preparação para a experiência: as escolhas, expectativas e precauções

A intenção de trabalhar o Arco-Íris do Desejo no grupo de convivência de mulheres aponta como objetivo principal a identificação das articulações entre as formações de Teatro e Psicologia no papel do *curinga*. Como proposta dessa aplicação, também avalia o potencial produtivo da intervenção dos jogos no grupo, percebendo como a técnica de Boal pode envolver e atingir as mulheres participantes. Nessa oportunidade, o psicólogo, no papel de *curinga*, vem observar os possíveis impactos desta técnica e se perceber nas intervenções dentro do grupo de mulheres da cidade de Dom Cavati.

O grupo de mulheres dessa pesquisa reúne-se na cidade de Dom Cavati - MG, e como anteriormente explicitado, estão no Programa NASF. Os encontros são todas as quartas-feiras, no horário de 8:00 até 9:30, com duração de um hora e trinta minutos. O grupo tem como tema Emagrecimento e a Saúde Física e Mental e, nesse contexto, atua para trabalhar os conflitos e relações sociais/emocionais que interferem no processo de perda de peso.

Duas semanas antes de exercer a função de *curinga* no grupo de mulheres, precisamente no encontro do dia 17 de setembro de 2014, realizei a explicação e a solicitação da aplicação do método de teatro e terapia de Boal. Assim, houve uma dúvida das mulheres participantes em relação à prática, pois apresentavam resistências na mudança da proposta do grupo. Mas foi colocado, por mim, que seria uma oportunidade de ampliar a discussão no grupo de quaisquer assuntos e, de maneira livre, as mulheres poderiam trabalhar outras relações de conflitos pessoais a partir do exercício teatral. Com a unanimidade da aceitação das mulheres em trabalhar o Arco-Íris do Desejo no grupo, além do esclarecimento que não iríamos trabalhar assuntos sobre emagrecimento e saúde, foi fixado um contrato verbal de participação. Para o bom funcionamento das técnicas no grupo, deixamos claro para que elas não se ausentassem nos próximos três encontros, nos quais seriam realizados os exercícios de teatro e terapia.

Foram escolhidos três jogos que, ao meu entender, concentram os pontos essenciais da Técnica Arco-Íris do Desejo. Outro critério para a escolha dos jogos, entre as várias propostas de jogos no livro, foi o grau de complexidade dos jogos em relação à aplicação.

O motivo da definição de tal critério justificou-se pelo fato de se tratar da primeira intervenção junto ao grupo do referido método bem como do meu exercício, como psicólogo e professor de teatro, na função de *curinga*.

Portanto foram selecionados os seguintes exercícios teatrais do Arco-Íris do Desejo:

- *A imagem das imagens* (BOAL 1996, pp. 87-90):

Técnica inicial para um grupo considerado novo na técnica de teatro e terapia de Boal e, sempre que necessário, eu realizava a avaliação periódica nas relações do coletivo, como: conflitos internos no grupo, problemas individuais e sensibilização na interação entre os participantes. Eu apresenta, também, quatro etapas de aplicação nas cenas criadas pelos participantes. O processo de construção de imagens nesse exercício teatral exige que o *curinga* esteja atento ao grau de inter-relação ator-imagem. Por fim, trabalhar *A imagem das imagens* possui como foco as relações que o grupo emerge, sendo elas, conflitantes ou não.

- *A imagem da hora* (BOAL 1996, pp. 131-132):

A técnica trabalha o estado prospectivo, pois busca sondar os sentimentos e pensamentos alheios ao grupo. O exercício é mais objetivo e prático, pois é realizado movimentos mais precisos na construção de imagens. Além disso, são 2 etapas que compreende as ações de identificar as imagens das horas que cada participante realiza em determinado comando do *curinga*.

- A imagem do grupo (BOAL 1996, pp. 149-150):

A última técnica escolhida para aplicar no grupo de mulheres foi por poder ser aplicada para qualquer momento no andamento de trabalhos em Arco-Íris do Desejo, demonstrando maior liberdade e flexibilidade para ser trabalhada em grupos. Ela apresenta ser eficaz quando tem no grupo algum problema a ser resolvido e, com a aplicação do exercício *A imagem do grupo*, evidencia-se o conflito juntamente com uma solução com maiores chances de sucesso. Para atuar com essa técnica, o desdobramento se faz por 2 etapas, parecendo ser pouco, porém bem revelador sobre a forma com que o participante "vê" o grupo no qual está situado.

Depois de escolher os três exercícios que seriam aplicados no grupo de mulheres, tive a preocupação de realizar um roteiro de atuação do *curinga* no método de Boal. Durante três semanas, o Arco-Íris do Desejo seria trabalhado e, as datas escolhidas foram os 01, 08 e 15 de outubro de 2014. Assim, fixadas as datas, os exercícios teatrais e, com a aceitação das mulheres, a motivação aumentou e o estudo de cada procedimento de aplicação da técnica se fez presente para o encontro do psicólogo no papel do *curinga*.

2.2 A intervenção e os resultados: desempenho dos participantes e do curinga.

A expectativa gerada do meu encontro como psicólogo com a função do *curinga* em atividade teatral pelo Arco-Íris do Desejo com o grupo de mulheres do Programa NASF tornou o trabalho motivador e interessante. Conforme o nosso contrato verbal, todas e incluindo o psicólogo, vieram com a curiosidade de perceber como o método de teatro e terapia poderia contribuir num trabalho de grupo.

Em todos os encontros, obtive participação de todas as mulheres que estão ativamente no grupo do Programa NASF. Ao mesmo tempo, nas três semanas em que foram realizados os exercícios do Arco-Íris do Desejo, houve entendimento das participantes das propostas teatrais. O esclarecimento das ações do método de teatro e terapia de Boal, para que o coletivo viesse a se desempenhar com satisfação, demandou o meu empenho como *curinga* da ação, além de muita dedicação ao aprendizado pelo estudo das técnicas aplicadas no grupo de mulheres.

2.2.1- A Imagem das Imagens (01 de outubro de 2014)

Na primeira sessão do Arco-Íris do Desejo, junto ao Grupo de Convivência de Mulheres, como recomenda Boal, começamos com *A imagem das imagens*. Conforme Boal, essa técnica avalia periodicamente o grupo, relaciona problemas individuais, singulares, com os problemas coletivos vividos. (1996, p. 87),

O jogo apresenta quatro etapas de aplicação, para que assim a intervenção seja realizada. Entre as etapas estão:

1ª Etapa: **Imagens Individuais**. Formando pequenos grupos de 4 a 5 pessoas. Os participantes escolherão um protagonista para construir, nos demais, as imagens que representam as próprias opressões.

2ª Etapa: **Desfile das Imagens**. Reunindo todo o grupo, as imagens, uma a uma, apresentam-se a todos os participantes. O *curinga* instiga que façam comentários, não deixando que sejam em formato de interpretação de imagem e sim mais subjetivos. Como exemplo, seriam comentários do tipo: "vejo isso ou aquilo", "isso me dá impressão de...", "isso me parece...".

3ª Etapa: **Imagem das Imagens**. Será uma única imagem para representar todo o grupo e, que possa representar a opressão, sendo escolhida a imagem de tristeza da MF, uma das participantes do grupo. Após a escolha, serão construídas, uma a uma, as outras imagens, que se relacionarão com a imagem central e que completarão o quadro ao retomar os elementos importantes das imagens individuais.

4ª Etapa: **Dinamização**. É perguntado a todos os participantes se estão se identificando com as imagens que representam. Caso contrário, quando não há identificação com a própria imagem criada, a participante poderá alterar a sua composição da imagem. Depois de todos estarem na imagem, como referência a imagem de tristeza de MF, é realizado o monólogo interno, no qual todos começam a falar sem parar conforme a relação postural e cinética entre a participante e a imagem. Em seguida, as imagens podem dialogar entre elas, porém sempre imóveis. Enfim, com esse trabalho, as mulheres puderam mover-se vagarosamente e procurar mostrar os desejos de seus personagens. Lembrando que, ao considerar as participantes como atrizes, quando se parte para a ação dinamizada, na qual há deslocamento corporal, expressão e verbalização, a técnica é chamada de personagens de si mesmas.

As Figuras (1, 2 e 3) expressam o momento em que estive informando sobre a proposta de aplicação do exercício *A imagem das imagens*, do Arco-Íris do Desejo para o grupo de mulheres do Programa NASF, da cidade de Dom Cavati-MG.

figura 1



figura 2



figura 3



Além disso, a imagem final – representada por todas no grupo – ficou sendo a imagem de tristeza de MF. A imagem me chamou atenção por demonstrar um sentimento de tristeza representada pela participante MF. Na escolha de uma imagem única do grupo, a de MF teve maior repercussão e preferência. Na finalização, MF deu o seu depoimento sobre a tristeza que ela mesma representou na sua imagem. Falando da sua relação distante e conflituosa com a filha, MF esclareceu o sentido da imagem de tristeza. No decorrer disso, todas as participantes começaram a contribuir com experiências semelhantes, nas quais já se sentiram tristes por uma relação social. Ao final, todas as participantes foram cumprimentar MF pela contribuição no grupo.

Finalizado essa primeira oportunidade de aplicação da técnica do Arco-Íris do Desejo, passamos para o compartilhamento das mulheres do grupo sobre suas experiências na realização do jogo. Em roda e sentadas, todas falaram da sua participação dentro do que foi proposto, e já mostraram interesse em continuar nos próximos encontros. Como ponto principal nesse início, e de maneira positiva, disseram que se sentiram bem no jogo e não colocaram quaisquer questão negativa. Não se sentiram expostas ou afrontadas. Além disso,

elas perceberam que é diferente esse trabalho do método de teatro e terapia, mesmo identificando que não foi retratada nenhuma relação do exercício teatral com o tema principal que é tratado no grupo, o emagrecimento e a saúde. As mulheres disseram terem se sentido mais livres e tranquilas para expressar, em imagens, os sentimentos que acreditam ser negativos e geradores de incômodos em suas relações sociais.

Como *curinga*, a insegurança foi suprida pelo estudo do primeiro jogo e pela cumplicidade do grupo, no qual trabalho há três meses. Mas dúvidas surgiram no decorrer da aplicação, como o cumprimento das etapas do exercício teatral e, quanto ao papel de *curinga*, recorri a alguns momentos ao Livro de Boal que descreve em detalhes a prática da *A imagem das imagens*.

Num outro momento da aplicação, vivi uma situação um pouco mais complexa para ser controlada e pontuada durante a realização do exercício. Considerando que o exercício trata de criar imagens, não precisando justificar inicialmente do que se tratava, surgiu com a MF a sua tentativa de explicar. Imediatamente, sendo o *curinga* e ciente das regras, contive a sua necessidade de contar sobre o sentimento de tristeza que estava representado na imagem. Depois dessa explanação com MF, tive a compreensão dela, e a mesma retornou com a atividade teatral proposta por mim.

Enfim, para esse primeiro exercício com o Arco-Íris do Desejo, desempenhei com cuidado o papel do *curinga*. A minha participação no grupo de mulheres, no qual já estou trabalhando como psicólogo e, agora, como *curinga há* três semanas acordadas por nós, mostrou-me que posso arriscar mais na condução e deixar de ter insegurança em alguns momentos da aplicação do exercício no grupo de mulheres. Assumo uma tensão e certo medo para tornar o encontro mais leve e proveitoso para todas as participantes. Mas, na etapa do compartilhamento do grupo, senti-me mais preparado e com afinidade nos depoimentos, pois é algo que já vivencio nos encontros terapêuticos anteriores. Assim, começo a perceber as relações do psicólogo com o *curinga* e como as duas vertentes podem colaborar entre si.

2.2.2 – Imagem da Hora (08 de outubro de 2014)

Na segunda semana de aplicação das técnicas do Arco-Íris do Desejo, realizamos o jogo *A imagem da hora*. Sendo de natureza prospectiva, este é um jogo simples e muito útil para a mobilização rápida do grupo e para a verificação estética de seus elementos comuns. (BOAL, 1996 p. 131)

As etapas do exercício são as seguintes:

1ª Etapa: **O Jogo.** O *curinga* pede para que as mulheres caminhem pela sala. São dados três tipos de ordem enquanto andam como: 1) horário; 2) imagem; 3) ação. O *horário* é uma sequência sucessiva de horas-chaves de um momento do dia da pessoa, por exemplo: meio-dia, de madrugada ou um minuto para o réveillon. Com o anúncio do *curinga* para preparar para a hora, as participantes simultaneamente escolhem a *imagem*. Esta *imagem* faz referência à hora escolhida. Diante da escolha da imagem pela hora de cada participante, o *curinga* ordena para a *ação*. Assim, as participantes passam a dialogar com as personagens imaginadas com as quais costumam se relacionar a essa hora e nesse dia. Na ordem *Parem!*, todos cessam suas atividades e se preparam para realizar novamente todo o processo por mais duas vezes, totalizando três momentos diferentes do contato com o mesmo jogo.

2ª Etapa: **O Debate.** O *curinga*, nas suas observações durante todo jogo, focaliza sobre o que aconteceu com cada uma das participantes, quais foram os pontos de contato existentes, quais foram as semelhanças entre o que fizeram ou vivenciaram. Enfim, o *curinga* realiza mais perguntas para discriminar todas as influências do contato que aquela hora e ação exerceram em cada participante.

As figuras (4, 5 e 6) estão mostrando o momento em que o exercício está sendo aplicado no grupo de mulheres. Os comandos dados pelo *curinga* elucidaram para que as imagens fossem melhor expressadas e contextualizadas nos momentos de compartilhamento.

figura 4



figura 5



figura 6



No momento de compartilhamento que é o que acontece juntamente com a etapa do *debate* do jogo da *Imagem da Hora*, as mulheres do grupo contribuíram com as suas percepções sobre cada hora/imagem/ação das personagens apresentadas. As semelhanças de ações nas horas propostas são nítidas e de fácil identificação, como, por exemplo, o horário do meio-dia, em que todas estão na cozinha preparando o almoço para elas e para a família. Elas perceberam algumas diferenças quando o horário da ação foi de dez horas da noite, pois algumas já estão dormindo, enquanto outras estão em atividades diversas como: jantando, assistindo à televisão, lendo e etc.

As mulheres que participaram desse exercício demonstraram estar mais soltas e dispostas para os exercícios que foram escolhidos para atuar no grupo. A maior dificuldade estava no controle do *curinga* em relação à euforia que o exercício teatral proporcionou no grupo de mulheres. O comportamento eufórico surgiu com a comparação das imagens entre as mulheres, pois algumas criaram uma mesma imagem para uma mesma hora solicitada pelo *curinga*. A identificação estabeleceu um estado de igualdade entre as participantes e promoveu o encontro com as atividades pessoais afins. Situação essa, compartilhada no final da segunda semana de Arco-Íris do Desejo.

Nessa segunda oportunidade, como *curinga*, senti um domínio maior para aplicar o exercício *A imagem da Hora*, proposto para esse encontro; isso em comparação ao exercício *A imagem das imagens*, aplicado anteriormente. Como ocorrido no exercício anterior, na etapa do debate, surgiu no grupo um estado de compartilhamento das sensações a partir da atividade teatral que as mulheres vivenciaram momentos antes. Assim, o *curinga* almejou, nessa função, uma atenção maior para focalizar sobre aquilo que aconteceu com cada uma das participantes e, também, sobre quais são os pontos existentes, quais são as semelhanças entre aquilo que fizeram ou vivenciaram.

Já na relação do papel do *curinga*, o psicólogo, nesse exercício, percebeu que o olhar psicológico não teve tanta ênfase ou importância para ser observada. Senti que não precisou de um olhar mais refinado sobre questões que envolveriam os estados mentais da pessoa, devido ao fato e ao compromisso de já ser um psicólogo. Com isso, pude exercer com maior totalidade a atuação do método de teatro terapia, sendo o *curinga*.

2.2.3 – Imagem do Grupo (15 de outubro de 2014)

Partindo para a terceira e última sessão de jogos do Arco-Íris do Desejo, foi trabalhada no grupo de mulheres do Programa NASF a *Imagem do Grupo*. Esta é uma técnica para ser utilizada em qualquer momento no trabalho do grupo, por isso, tornou-se eficaz para apresentar algum problema no coletivo, evidenciando com clareza e buscando um solução que tivesse mais sucesso. Para Boal (1996, p. 149) mesmo quando não forem identificados problemas a serem abordados pelo grupo, é sempre interessante "enxergar" como é que cada participante "vê" o grupo em seu conjunto.

Assim, segue a descrição das etapas:

1ª Etapa: **O Modelo.** O grupo constrói uma imagem única do conflito no grupo com todos os participantes e, caso tenha tensões internas no coletivo, talvez seja necessário mais de uma imagem. E o *curinga*, consultando sempre o grupo, poderá acrescentar ou eliminar os elementos da imagem que julga ser essenciais ou não.

2ª Etapa: **A dinamização do Modelo.** Com o modelo de imagem definido pelo grupo e representando a opressão, passa-se para a dinamização. O *curinga* faz referência ao grupo dizendo que todos devem tomar parte da imagem, e aqueles que estão fora dessa imagem ainda sim estão contidos no grupo. Na imagem única, formada pelo grupo, aquelas pessoas que estão satisfeitas com o modelo criado devem permanecer, ao contrário de outras que não gostaram e podem sair e tornarem-se espectadores. Com a finalização, o *curinga* solicita que as pessoas das imagens dialoguem como personagens. No momento das conversas dos personagens, é revelada ou não a existência de conflitos no grupo.

Durante a demonstração, as mulheres do grupo expressaram e reclamaram que não conseguiram detectar uma imagem que representasse um conflito dentro do coletivo. Mas para demonstrar então a não existência de problemas no grupo, solicitei, como *curinga*, que elas fizessem duas imagens que identificassem o clima no qual se encontravam. Assim, as figuras (7, 8 e 9) estão representando o sentimento de fraternidade do grupo de mulheres do Programa NASF.

figura 7



figura 8



figura 9



No compartilhamento, as mulheres relataram terem achado o jogo mais curto e objetivo que os anteriores. Mesmo assim, acharam difícil construir uma imagem de conflito que pudesse agregar nas relações criadas no grupo. Elas perceberam que o grupo tem afinidade, cumplicidade e amizade. Contrariando a expectativa de que pudesse haver algum problema no grupo, o jogo mostrou que, pelo fato de estarem trabalhando juntas há várias semanas, foram estabelecidas relações afetivas entre elas. Portanto, não tiveram dificuldades em descobrir a essência do grupo, tendo sido considerados os momentos do grupo como prazerosos e satisfatórios para a maioria das participantes.

Considere esse último exercício de aplicação mais rápida, e pelo fato de praticar nas duas semanas anteriores com técnicas do Arco-Íris do Desejo, a função que exerci de *curinga* se apresentava aquecida e melhor preparada para o fechamento da sequência planejada para o grupo de mulheres. Identifiquei nesse terceiro encontro que a harmonia que o grupo já apresenta pelo tempo de convivência ajudou a condução do trabalho do *curinga*. Embora tenha sido este o fechamento dos exercícios teatrais através da etapa *A imagem do grupo* com as mulheres do Programa NASF, isto serviu para reforçar as relações de amizade que construíram desde o início de formação do grupo, ficando claro, no depoimento de cada uma, a evidência de quanto o grupo está unido e disposto nos trabalhos aplicados pelo psicólogo na função do *curinga*.

Durante a condução do último exercício no grupo de mulheres, o *curinga* não precisou se apoiar ou apropriar de um conhecimento mais restrito da Psicologia. Mas o que me chamou atenção estava no reforçamento das relações saudáveis que, mesmo partindo do grupo, pôde ser direcionado pelo *curinga* com formação de psicólogo, para as demais relações sociais que estejam externas aos nossos encontros. No compartilhamento final, as orientações comportamentais e psicológicas para o como proceder em contato com outras pessoas de convívio foram mais proveitosas, devido à condição de ser psicólogo.

2.3 – Avaliação da Experiência:

Nesses três encontros, as mulheres que participaram das sessões baseadas no método de teatro e terapia de Boal possibilitaram observar as relações que cada uma delas faz pelas imagens construídas nos jogos do Arco-Íris do Desejo. Colocando-as no papel de atrizes, a dinamização das imagens depende do quanto compartilham de sentimentos fortes e intensos nas relações das imagens. Assim, o trabalho entre as atrizes e as imagens apresentaram resultados ricos e criativos.

Nas experiências relatadas pelas mulheres e devido ao papel de ter vivenciado o *curinga*, como psicólogo, identifiquei certa facilidade em aplicar os jogos do Arco-Íris do Desejo, isso por considerar o meu cotidiano dentro das constantes participações em atividades teatrais. O grupo do Programa NASF proporcionou uma perspectiva de atuação em Teatro que soma com os meus trabalhos já desenvolvidos em relação aos objetivos terapêuticos. O uso do método de teatro e terapia de Boal promoveu um estado mais produtivo e colaborativo para a auto-percepção das mulheres participantes.

Ao criarmos a divisão palco-plateia, transformamos a cena em um lugar onde tudo se redimensiona, magnífica, aumenta, como em um poderoso microscópio. Todos os gestos e todos os movimentos, todas as palavras que são aí pronunciadas, tudo se torna maior, mais evidente, mais enfático. No palco, é difícil esconder, quase impossível. Estando mais perto e parecendo maiores, as ações humanas podem ser observadas melhor (BOAL, 1996, p. 41).

As atitudes mais visíveis que observei dos jogos do Arco-Íris do Desejo no grupo de mulheres ficaram na aceitação, colaboração e participação ativa nas atividades propostas.

Um exemplo mais presente de catarse, na aplicação dos exercícios teatrais, apareceu na etapa *A imagem das imagens*, com a escolha do grupo pela imagem da participante MF.

No momento que MF demonstrou em uma imagem o sentimento de tristeza, logo o grupo se identificou com ela e a apontou como representativa de todo o coletivo. Em soma, a catarse se fez novamente a partir de seu depoimento sobre o motivo da sua imagem de tristeza, revelando em todas as participantes uma semelhança com a história contada por MF, a qual compartilhou com o grupo que tratava de um conflito familiar.

Outros conceitos que surgiram dentro das técnicas do Arco-Íris do Desejo, e que foram aplicadas, são os de *identificação*, *reconhecimento* e *ressonância*. Mas para exemplificar o aparecimento desses conceitos no grupo de mulheres, cito, por exemplo, na *identificação*, frases do tipo: "Eu sou exatamente assim". No *reconhecimento*, apareceram frases como: "Não sou nem um pouco assim, mas sei muito bem de quem se trata". Na *ressonância*, apareceram: "Ela é assim, mas poderia ser diferente"; "Eu não sou assim, mas gostaria de ser"; "Não sei, mas tenho a impressão" etc.

Além disso, caso fosse um grupo novo e com maiores diferenças nas relações dos integrantes, talvez o mediador tivesse maiores resistências em contato com a proposta de intervenção em Teatro. Assim, como sugestão de solução para tal resistência no encontro, poderiam ser trabalhados pequenos jogos teatrais. O *curinga* já tentaria quebrar o "gelo" do grupo, com jogos mais lúdicos para construir a relação dos participantes com uma linguagem do Teatro. A estratégia nos jogos seria um aquecimento do grupo, trazendo algo que fosse comum aos exercício teatrais, criando um ambiente familiar para depois apresentar e aprofundar no Arco-Íris do Desejo.

No entanto, voltando para o grupo de mulheres do Programa NASF, a interiorização das técnicas escolhidas para serem aplicadas necessitou do papel do *curinga*, além disso, exigiu que sua presença fosse imposta com maior segurança e fidelização à ideia proposta por Boal. Portanto, somente com esse estudo, juntamente com as vivências anteriores em Teatro, pude, como psicólogo na ação do *curinga*, propor o ambiente de leveza e confiança para que as participantes pudessem vivenciar cada jogo.

Os três jogos aplicados no grupo potencializaram a intenção de construção reflexiva em cada mulher participante. A transição entre as funções de psicólogo para *curinga* demonstrou uma dinamização na condução dos trabalhos em três semanas de atividades teatrais. Como resultante também, as mulheres obtiveram momentos intensos, porém prazerosos e divertidos, revelando a força do Teatro em mobilizar e contagiar com energia as pessoas que vivenciam suas técnicas e jogos. Na finalização do trabalho, surgiram os pedidos das mulheres em continuar com a proposta teatral nas semanas subsequentes ao proposto do combinado de três encontros.

No processo de intervenção do método Arco-Íris do Desejo no grupo de mulheres, foi evidenciada a condição não obrigatória do *curinga* em possuir uma formação acadêmica na área da Psicologia, isto, segundo afirma Boal. No entanto, considerando que o psicólogo estava exercendo um papel de interventor em Teatro no grupo, alguns conhecimentos em Psicologia surgiram para contribuir e fortalecer o momento de aplicação dos jogos do Arco-Íris do Desejo. Mas no exercício *A imagem da hora*, revelei, como *curinga*, uma desnecessária participação de um conhecimento que fosse mais restrito à Psicologia. Entretanto, nos outros dois exercícios aplicados, o papel do psicólogo se fez presente nos momentos finais dos compartilhamentos, realizando orientações tanto nos estados psicológicos quanto no comportamento. Por fim, o que ficou claro é que o *curinga*, caso tenha a formação em Psicologia, fica a seu critério se apropriar do conhecimento ou não, pois não há no Arco-Íris, perspectivas psicoterapêuticas para tratamento psicológico individual.

Dentre os conhecimentos específicos da área de Psicologia, pude destacar os diálogos terapêuticos nos momentos de compartilhamentos; as orientações dos processos psicológicos e cognitivos (atenção, ansiedade, estresse e etc.); e o acolhimento a partir das imagens de sofrimento e depoimentos de conflitos internos e sociais. Os exercícios teatrais colaboraram para todas perceberem as causas que as enfraqueciam, isso a partir das imagens elaboradas por elas nas três semanas. Outro ponto, também, é a etapa do compartilhamento, que surge na condição de "esvaziar" as emoções e conflitos que estejam incomodando-as.

A experiência vivida por mim, como *curinga*, promoveu outras percepções em relação à possibilidade de atuação em grupo de mulheres. O grupo de mulheres, no final de todo processo de aplicação do método de Boal, criou uma relação positiva e agradável em relação ao Arco-Íris do Desejo. As interações construídas e os resultados determinaram para esse grupo a produtividade e a utilidade do método teatral como algo passível de aplicação em trabalhos terapêuticos que elevam a reflexão. Assim, com o fechamento desse trabalho, identifico a proposta do Teatro como ferramenta interventiva eficaz em trabalhos (sociais, educacionais, institucionais) associada a outras áreas do saber, como a Psicologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Introduzir o método de teatro e terapia de Boal em um grupo de convivência formado somente por mulheres, e sendo integrado ao Programa NASF da cidade do interior de Minas Gerais, chamada Dom Cavati, foi um desafio engrandecedor. Sabia que poderia haver riscos na aceitação da técnica teatral para um grupo que já tem uma relação mais próxima entre si, mas as trocas de experiências foram favorecidas devido ao tempo em que ocorrem os encontros semanais dessas mulheres.

Essa experiência possibilitou ao Psicólogo, agindo como *curinga*, observar que o Teatro e a Psicologia podem se articular no trabalho em grupo. O *curinga*, aplicando a técnica de Boal, mesmo sendo psicólogo e num grupo que tenha afinidades, deve apresentar cuidados no trabalho de atuação com o método, como: atenção ao processo, sensibilidade com os compartilhamentos, escuta e observação aos participantes e a construção do espaço interativo dos exercícios teatrais. A experiência em Teatro, adquirida anteriormente em outras vivências, fizeram com que o *curinga* tivesse mais segurança nas conduções dos encontros e trouxeram o fazer teatral. E, ainda assim, recomenda-se que é preciso continuar estudando e absorvendo a teoria de Boal para aplicar com mais assertividade os exercícios teatrais.

As ações observadas no grupo de mulheres, que foram atendidas em três encontros com jogos do Arco-Íris do Desejo, revelaram que o Teatro tem uma participação cativante e atraente para tratar de assuntos individuais e coletivos. Acredito que pela forma dinâmica, participativa e criativa, o Teatro se apropriou do corpo das mulheres participantes, para que sejam trabalhadas as inspirações pessoais, a partir da construção do personagem nos exercícios. Além do mais, a experiência promoveu entre as mulheres a sensação de bem-estar, satisfação e um estado prazeroso em estar participando dos diálogos por meio do Teatro. Com o *curinga*, as mulheres contribuíram com a relação de confiança, entrega e aceitação dos três jogos aplicados no grupo. Assim, houve entre todos – as participantes e o *curinga* – um estado de troca e positividade nas relações de ambos. Com o pedido de continuidade das mulheres, mesmo passando as semanas em trabalho árduo com o Arco-Íris do Desejo, percebi que a interação do *curinga*, o método diferenciado e dinâmico de intervenção coletiva e o encantamento pelo Teatro fizeram delas seres motivados e interessados em permanecer constantes na atuação no grupo.

A intervenção do Arco Íris do Desejo no grupo de convivência de mulheres apresentou ser um instrumento que amplia as reflexões gerados no coletivo. O contato com o discurso das mulheres nos trabalhos teatrais demonstrou que os jogos são propostas de dinamização para discussões mais profundas, porém mais interativas e delicadas no que diz respeito aos sentimentos compartilhados. Portanto, é necessário que em todos os assuntos compartilhados num grupo que tem como característica elevar as reflexões individuais, o *curinga* tenha sensibilidade e tratamento de respeito com aquilo que for mostrado pelas participantes.

No decorrer do trabalho do *curinga*, muitas soluções de cenas nos jogos do Arco-Íris do Desejo foram apresentadas e construídas pelas participantes do grupo de convivência do Programa NASF. Assim, o papel do *curinga*, revestido pelo olhar do psicólogo, revelou uma escuta privilegiada diante das mulheres emudecidas pelas diferentes formas de opressão da nossa sociedade, permitindo que tenham acesso a instrumentos de comunicação, como trabalhado na teoria do Teatro do Oprimido de Boal. Proporcionar outras vias de expressão e diálogos, através do Teatro, é algo que o psicólogo necessitou estudar e experimentar no Teatro, oportunizando adquirir experiências artísticas, e aí sim poder colocá-las em prática com o trabalho em grupo.

O *curinga* que contempla a formação acadêmica em Psicologia e o conhecimento adquirido nas ciências humanas agrega na condução de outras observações realizadas durante o trabalho com jogos teatrais. Sendo assim, desejo que essa pesquisa, somada a outras já publicadas, possam gerar diálogo e discussão sobre a prática do método de teatro e terapia de Boal. Ressalto que não me surpreende perceber que dentro do campo da Psicologia cresce o número de intervenção e adeptos de métodos mais lúdicos e dinâmicos pela Arte do Teatro.

Enfim, a crescente perspectiva de trabalhos com Teatro em grupo comunitários como o das mulheres do Programa NASF promove, numa localidade como a cidade de Dom Cavati-MG, a entrada de propostas interventivas diferenciadas. Os psicólogos interessados pelo Teatro e que se apropriam da própria curiosidade, capacidade de transformar e do contato com as Artes, podem tornarem-se profissionais com um grande diferencial no mercado de trabalho. Portanto, percebo demanda de profissionais que tenham habilidades em áreas e saberes diferentes. Como descrevo nessa pesquisa sobre a minha formação dupla, sendo na Psicologia e Teatro, consigo propor trabalhos que despertam o interesse pela criatividade. Assim, é possível demonstrar que, além do Arco-Íris do Desejo, o Teatro tem o

seu espaço de importância e contribuição para áreas que permitam o acesso ao diálogo de saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. F. **Reflexões sobre o papel social e político do profissional de psicologia.** *Perfil*, 8, 33-39., 1995

BEZERRA, A. P. **Augusto Boal e as técnicas do arco-íris do desejo.** *Cadernos do JIPE-CIT*, 10, 24-32., 2000

BOAL, A. **O teatro do oprimido e outras poéticas, políticas.** Civilização Brasileira. São Paulo, 1991.

_____. **O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. **Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas.** Record. Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

_____. **A estética do oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 256p.:il

CARBALLEDA, A. J. **A Intervenção no sociocultural: exclusão e integração nos novos cenários sociais.** Paidós Saicf. Buenos Aires, 2002.

FREITAS, M.F.Q. **Novas práticas e velhos olhares em psicologia comunitária! Uma conciliação possível?** In: SOUZA, L.; FREITAS, M.F.Q.; RODRIGUES, M.M.P. (Orgs.) *Psicologia: reflexões (im) pertinentes.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 82-105.

GONÇALVES, Camila Salles. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno.** São Paulo: Ágora, 1988.

LACAN, J. (1973). **O seminário: livro 11.** Rio de Janeiro: Zahar.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama.** Editora Cultrix. São Paulo, 1993.

NUNES, S. B. (1990). **Teatro do oprimido: revolução ou rebeldia?** Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. (2004). **Boal a Bene: contaminações para um teatro meno.** Tese de doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo

OLIVEIRA, É. C. S. & ARAÚJO, M. F. Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2012, 32(2), 340-355

SACHS, J., & MORENO, J. L. (2000). A voz de J. L. Moreno (Entrevista a James Sachs). *Revista Brasileira de Psicodrama*, 8(2), 11-27.

SILVA, C. V. (2009). Curinga – uma carta fora do baralho: a relação diretor/espectador nos processos e produtos de espetáculos fórum. Dissertação de mestrado em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.